

PROJETO VISÃO FALADA PROMOVE OFICINA PARA PROFESSORES COM FOCO NO ATENDIMENTO ÀS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Nara da Nobrega Rodrigues,
Ligiane Gomes Marinho Salvino,
Danielle Santos Silva,
Ericko Sousa e Silva,
João Batista Lócio Filho

No dia 09 de dezembro de 2015, das 08 às 12h, no laboratório de informática do IFPB Campus Patos, os extensionistas do projeto Visão Falada promoveram, em parceria com a Secretaria Municipal de Educação, uma oficina para 15 professores do Atendimento Educacional Especializado (AEE) da Prefeitura de Patos (Foto 01) com objetivo de capacitar os participantes no uso do Dosvox¹, com ênfase na produção de materiais dentro do sistema para que o aluno cego possa ouvir o conteúdo. O sistema Dosvox permite aos cegos uma apropriação concreta do computador a partir da síntese de voz e favorece os processos de ensino e de aprendizagem com o fortalecimento da relação docente-discente contribuindo para a inclusão destes últimos na chamada era digital.

Segundo a coordenadora do projeto, professora Ligiane Marinho, “o processo de educação inclusiva exige uma formação continuada. Juntos, vamos descobrindo as



Foto 1 – Momento da oficina. Fonte: arquivo da coordenadora do projeto.

melhores práticas para atender as necessidades educacionais especiais decorrentes de alguma deficiência. Não podemos alegar a falta de capacitação formal para justificar a inserção de uma pessoa com deficiência na sala de aula e deixá-lo na condição de excluído”. Durante a oficina, os professores (Foto 02 e 03) tiveram o contato prático com a ferramenta computacional citada, que proporciona as pessoas cegas tornarem-se mais produtivas e autônomas; facilitando o dia a dia das mesmas.

A psicóloga Nara da Nóbrega, servidora do IFPB e voluntária do Projeto, ressalta que iniciativas desta natureza são fundamentais para reforçar a presença do

¹ Sistema gratuito com mais de 80 aplicativos que permite o uso de computadores por pessoas cegas. Desenvolvido pelo Núcleo de Computação Eletrônica (NCE) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

IFPB junto à comunidade, possibilitando o estabelecimento de parcerias valiosas para o atendimento adequado das demandas da educação inclusiva. Com este trabalho, buscamos ainda valorizar a atuação dos professores do AEE e somar forças para o enfrentamento dos desafios diários. A capacitação foi encerrada com a leitura reflexiva de uma mensagem que retrata a necessidade de uma atenção integral ao estudante com deficiência visual para formas construtivas de interação, mantendo o foco nas potencialidades para reduzir as dificuldades e promover o crescimento de todos os envolvidos.

1 A RELAÇÃO EDUCADOR-EDUCANDO HUMANIZAÇÃO E TECNOLOGIA NA ATENÇÃO ÀS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL



Foto 2: Participantes da oficina. Fonte arquivo coordenadora do projeto

1.1 Rompendo o paradigma da deficiência

Vivemos dias de rápidas e profundas transformações que constantemente nos

convidam a refletir sobre a nossa condição humana e a urgência em resgatar a subjetividade nas relações visando posturas respeitadas que favoreçam o desenvolvimento dos indivíduos. O encontro dessas subjetividades possibilita a compreensão da diversidade humana e novas maneiras de perceber e intervir na realidade a nossa volta.

O reconhecimento e a aceitação dessas diferenças permitem uma convivência pacífica e enriquecedora na medida em que são reunidas capacidades para a superação de dificuldades. No cenário atual de inclusão, faz-se imprescindível um olhar atento e acolhedor que considere a integralidade da pessoa humana a fim de oferecer melhores condições de crescimento aos sujeitos.

Entretanto, em nossa sociedade, no que diz respeito às pessoas com deficiência, e em particular àquelas cegas ou com baixa visão, o foco da atenção ainda incide na imperfeição e na falta, sendo a diferença apresentada por elas considerada uma desvantagem, e não uma condição (NUNES; LOMÔNACO, 2010).

Há, portanto, a necessidade imperiosa de mudar tal concepção organicista e restrita, afastando estereótipos de incapacidade e sofrimento que acarretam atitudes preconceituosas e excludentes e bloqueiam o reconhecimento de potencialidades e novas possibilidades de

aprendizagem. Nunes e Lomônaco (2010) destacam ainda que, em um contexto marcado predominantemente por informações visuais, e em razão do desconhecimento da real condição daqueles com cegueira ou baixa visão, é comum supervalorizar/ampliar as limitações que a ausência deste sentido de fato acarreta, o que compromete as relações e ocasiona danos em nível psicológico e social.

Para Diniz (2012), ser cego é apenas uma das maneiras de estar no mundo. A autora também revela que a deficiência ainda é vista como uma tragédia pessoal e mesmo reconhecendo o corpo com lesão, denuncia a sociedade opressora para com as pessoas com deficiência.

Frente a essa inquietante constatação, grifamos aqui o valioso papel dos educadores para transformar, positivamente, o imaginário social e, de modo especial, a vida das pessoas com deficiência visual ao oferecer às mesmas condições, enquanto agentes facilitadores da aprendizagem, a oportunidade de serem sujeitos únicos, pensantes, capazes de crescer; fortalecendo a sua autoestima e autonomia.

1.2 O vínculo educador-educando como recurso elementar para a inclusão

O acompanhamento da pessoa cega requer o entendimento de que a cegueira, por si só, não impede o acesso ao conhecimento pelo sujeito. Apesar de sua importância, a visão não é a única via de informação e o

cego, portanto, dispõe de outros recursos para apreender o mundo, como as percepções táteis, auditivas e cinestésicas, bem como a linguagem, visto que a palavra possibilita a comunicação e torna acessíveis significados sociais. De tal modo, a pessoa cega não é menos capaz e, como qualquer outra, deve frequentar escolas regulares, teatros, museus, cinemas, ou seja, ter uma vida pessoal e social plena, da qual se reconheça protagonista (NUNES; LOMÔNACO, 2010).

Na relação discente-docente, Tardif (2014) nos apresenta a efetividade, visto que o objeto de trabalho de um professor é humano; e, embora tenhamos papéis diferentes em uma sala de aula, não há como ignorar a relação interpessoal entre professor e aluno. Assim, no processo de ensino-aprendizagem do aprendiz cego também deve haver o vínculo afetivo que permita ao mesmo sentir-se compreendido e aceito pelo que é, em sua totalidade. Exige disponibilidade interna do educador para uma aproximação verdadeira que considere a realidade existencial daquele aluno, sua forma singular de constituir e perceber o mundo. Requer, igualmente, uma abertura para o desconhecido que permitirá explorar as habilidades do estudante por meio dos caminhos apontados por este, atento aos aspectos pedagógicos e às adaptações devidas para assegurar a satisfação de suas necessidades. Esta postura empática e

acolhedora por parte do docente é fundamental para edificar uma relação de confiança que favoreça o bem-estar do aluno cego em sala de aula e a assimilação dos conteúdos escolares.

Para Ramos (2010), dois pontos cruciais devem conduzir o educador no caminho da inclusão: a intuição aliada à ação pedagógica e a experiência acumulada para o enfrentamento dos desafios vivenciados junto aos indivíduos com deficiência. Em suas observações sobre a prática da inclusão pelos educadores Campbell (2009) retrata a importância de o profissional estar bem informado sobre a deficiência com a qual se depara e os direitos daqueles a quem assiste, bem como de reconhecer as suas próprias limitações a nível físico, psicológico e pedagógico. Para a autora, o aperfeiçoamento constante e a parceria com especialistas de áreas afins e com familiares de alunos com necessidades especiais constituem estratégias preciosas para entender e atender a cada caso adequadamente, visando o desenvolvimento dos indivíduos e do grupo em questão.

Neste ponto, **s u b l i n h a m o s** a necessidade de ampliar o campo de ação do educador que se propõe à formação acadêmica e cidadã da pessoa com deficiência visual, através de um trabalho de conscientização com os colegas de turma, as famílias e a comunidade escolar como um todo, por meio de atividades que promovam interações construtivas, com base na tolerância e no respeito à diversidade humana, e fortaleçam o

movimento de inclusão de modo a garantir o direito à educação de qualidade a tal público.

Reconhecemos a necessidade de uma formação continuada para a inclusão, mas não como pré-requisito. O desejo do professor e a criatividade são fundamentais para a promoção efetiva de um aluno com necessidades educacionais especiais decorrentes da cegueira na sala de aula regular.

1.3 A tecnologia como mediadora no processo de ensino-aprendizagem humanizado



Foto 3 – Oficina. Fonte: arquivo da coordenadora do projeto.

Deparamos-nos com os recursos tecnológicos nos mais variados espaços da sociedade em razão da praticidade e das melhorias que proporcionam no cotidiano. Para o indivíduo com comprometimento ou sem o sentido da visão, assim como os demais, o computador e a internet mostraram-se hoje indispensáveis; e os programas

desenvolvidos para atender as suas necessidades singulares se aperfeiçoam constantemente, favorecendo cada vez mais a sua independência e autonomia.

Na era da informação, estas ferramentas ganham destaque por constituir excelente meio de inclusão social e minimizar a dependência inerente à deficiência. Ao proporcionar novas condições de aprendizagem, ganham espaço no ambiente escolar, exigindo, por sua vez, dos educadores uma formação que possibilite não apenas o domínio da tecnologia selecionada, mas essencialmente a sua vinculação com o projeto pedagógico para o êxito do processo de ensino-aprendizagem Kenski (2007) e Silva (2014) também ressalva a importância da tecnologia na educação especialmente pelas várias opções de sua aplicabilidade como recursos didáticos. Isso torna a educação e tecnologia são indissociáveis.

É antiga a convicção de que o uso de instrumentos favorecem a aprendizagem. E seguindo as teorias vygotskianas, o computador pode ser visto como um instrumento de mediação entre o aluno e o conhecimento a ser construído. Ainda sobre a presença da tecnologia na educação, e considerando o valor da interação humana para a construção do conhecimento, entendemos que o mundo virtual proporciona o intercâmbio de informações entre os diferentes sujeitos nos mais variados espaços. Em se tratando de educadores e educandos, ambos

produtores de conhecimento, a aprendizagem passa a ocorrer reciprocamente; assumindo, estes últimos, uma postura ativa diante de seu processo de formação e, àqueles primeiros, a função de facilitadores/orientadores na condução do saber (KOLL, 2010)

Assim, observamos nas leituras e em nossa experiência concreta a importância dessas máquinas nas escolas e das capacitações que permitem aos educadores compartilhar e atualizar os conhecimentos em termos pedagógicos e legais para que a tecnologia seja utilizada junto aos estudantes com deficiência visual de forma tecnicamente apropriada e, sobretudo, humanizada, por meio de um trabalho ético e cauteloso que respeite a individualidade das pessoas assistidas.

Pensando nos inúmeros benefícios da informática na educação, a equipe do Projeto Visão Falada² organizou a oficina mencionada para trabalhar com os docentes que atuam nas salas de recursos multifuncionais do município de Patos, especificamente, o sistema Dosvox e fazê-los compreender, de modo prático, como

2 O Projeto Visão Falada está em execução desde 2013 buscando a independência virtual daqueles com deficiência visual a partir de aulas presenciais realizadas semanalmente no Centro de Atendimento Educacional Especializado Irmã Benigna, assistindo não apenas patoenses, mas moradores de cidades circunvizinhas e de faixas etárias diversas.

este programa facilita a vida pessoal, acadêmica e profissional das pessoas com necessidades educacionais especiais oriundas da cegueira ou da baixa visão.

Para a Coordenadora de Educação Inclusiva de Patos, Kelly Cristine Perônico, “o curso foi de grande importância, pois os mesmos vivenciaram a experiência dos deficientes visuais na utilização do programa. O Dosvox é um programa valioso que facilita a inclusão digital, dando autonomia e independência às pessoas com deficiência visual”.

2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atividade realizada junto aos professores das salas de atendimento educacional especializado, somada ao contato semanal com os alunos atendidos no âmbito do projeto Visão Falada, bem como com os familiares destes e demais profissionais que contribuem direta ou indiretamente neste trabalho, renovam a nossa crença na capacidade das pessoas com deficiência visual e evidenciam o valor dessas parcerias para melhores resultados no processo de inclusão digital e social de tais sujeitos.

Conforme Koll (2010) acreditamos em um aprendizado a partir de interações sociais. Assim, entendemos que os relacionamentos construídos com o Projeto Visão Falada nos permitem novas descobertas.

A leitura do grupo sobre a repercussão

da oficina foi positiva e pode ser comprovada a partir das falas registradas dos participantes, como a da professora Nivalda, para quem a oficina “foi de grande valia, pois o Dosvox tem ajudado a desenvolver atividades com um aluno de baixa visão”. Contudo, entende-se que o trabalho é inesgotável e requer a dedicação de todos os envolvidos, sendo as conquistas alcançadas fontes de energia para a continuidade das ações em prol da qualidade de vida das pessoas com deficiência visual.

REFERÊNCIAS

- CAMPBELL, S.I. **Múltiplas faces da inclusão**. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2009.
- DINIZ, D. **O que é deficiência**. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias: O novo ritmo da informação**. Papirus, 2007.
- KOLL, Marta de Oliveira. **Vygotsky: Aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 2010.
- NUNES, S e LOMÔNACO, J. F. B. O aluno cego: preconceitos e potencialidades. **Revista da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, v.14, n. 1, p. 55-64, jan./jun., 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v14n1/v14n1a06>>. Acesso em: 20 jun.2016.
- RAMOS, S. **Inclusão na prática: estratégias eficazes para a educação inclusiva**. São Paulo: Summus, 2010.

SILVA, L. G. D. S. **Educação Inclusiva:** práticas pedagógicas para uma escola sem exclusões. São Paulo: Paulinas, 2014.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.